

## **Correio Olegarense: imprensa, sociabilidades e modernidade em Presidente Olegário/MG (1983-1984)**

*Correio Olegarense: Press, Sociabilities and Modernity in Presidente Olegário/MG (1983-1984)*

**Gabriel dos Santos Birkhann**

Graduado em História/Licenciatura (UNIPAM). e-mail: gbirkhannlegal@gmail.com

**Roberto Carlos dos Santos**

Professor orientador (UNIPAM). e-mail: profrcsantos@unipam.edu.br

---

**Resumo:** O presente estudo possui como objeto de pesquisa o jornal *Correio Olegarense*. Objetivou-se analisar esse periódico de modo a entender como sua história entrelaça-se na luta de Presidente Olegário por uma maior projeção no cenário do Alto Paranaíba e do Noroeste de Minas Gerais. Analisando os exemplares do *Correio*, em um recorte temporal que compreende os anos de 1983 e 1984, procurou-se compreender como esse órgão da imprensa analisava os acontecimentos que noticiava. Refletindo sobre o entrelaçamento entre o *Correio*, nos números analisados, e a “Festa da Produção”, pode-se entender em qual medida suas intenções eram as mesmas. Ambos intencionavam mostrar o município aos poderes estaduais e divulgar a produção agropecuária local, enfatizando suas possibilidades. Conclui-se, portanto, que ambos eram polos importantes de *sociabilidade* em Presidente Olegário.

**Palavras-chave:** Presidente Olegário. Imprensa. *Correio Olegarense*.

**Abstract:** This research aims at studying the newspaper *Correio Olegarense*. Through it, this research intended to analyze this newspaper in order to understand how its history interweave in the fight of President Olegário for a greater projection in the scenario of Alto Paranaíba, and the Northwest of Minas Gerais. Analyzing the copies of the *Correio* in a period that covers the years 1983 and 1984, this paper tried to understand how this organ of the press analyzes the events that it announced. Reflecting on the intertwining of the *Correio*, in the analyzed numbers, and the “Festa da Produção”, we can understand to what extent their intentions were the same. Both intended to show the municipality to the state powers and publicize local agricultural production, emphasizing their possibilities. We conclude, therefore, that both were important centers of *sociability* in Presidente Olegário.

**Keywords:** Presidente Olegário. Press. *Correio Olegarense*.

---

### **1. Introdução**

O presente artigo pesquisa o jornal *Correio Olegarense*. O escopo deste trabalho é analisar esse periódico de modo a entender como sua história entrelaça-se na luta de

Presidente Olegário por uma maior projeção no cenário do Alto Paranaíba e do Noroeste de Minas Gerais.

Procura-se, com esta pesquisa entender, a partir dos exemplares do *Correio*, tendo como recorte temporal um período que compreende os anos de 1983 a 1984 da história de Presidente Olegário, o modo como esse órgão da imprensa analisava os acontecimentos que noticiava. Como as mídias impressas são documentos que possuem uma gama de informações, ao final deste artigo, algumas perguntas serão respondidas, tais como: qual a importância do *Correio Olegarense* na cidade de Presidente Olegário? Quais os conteúdos dos discursos que eram ali colocados? Nesse sentido, buscaram-se as relações de poder/discurso nos lugares menos previsíveis, menos formalizados, tendo por base, claramente, as indicações de Foucault (1999, pp. 8-9) a respeito da produção discursiva.

Entendem-se os discursos, por sua vez, como o conjunto de ideias a respeito de uma determinada realidade, ou seja, podem ser configurados, entendidos como estruturas que, de modo implícito ou explícito, travam uma correlação de forças com o real. Portanto, os discursos, em uma análise histórica, devem ser inseridos em um determinado tempo e espaço que inevitavelmente perpassam e ajudam na construção dos mesmos.

Acredita-se que, com esta pesquisa, novas perspectivas se descortinem sobre a história de Presidente Olegário e que ela possa trazer à tona uma nova compreensão sobre as relações entre imprensa e “imaginário local”, já que o jornal, como documento histórico, é a fonte de que as representações permanecem vivas a partir dos exemplares de um periódico. Além disso, como o município de Presidente Olegário possui poucas pesquisas acadêmicas dedicadas à sua história e não conta com uma política de preservação de arquivos, este trabalho visa recuperar números antigos, dos anos 1980, do jornal *Correio Olegarense*, e problematizá-los, discuti-los, trazendo à luz uma parte da história olegarense, até então guardada em caixas na Biblioteca Pública Municipal Pio XII, sob outro ponto de vista.

Nesse sentido, esta pesquisa é importante, visto que trabalhará com uma parte desconhecida da história da cidade de Presidente Olegário, de seus habitantes, de suas leituras sobre a cidade que eles viam mudar. Portanto, objetiva-se estudar uma parte da história que se encontra nas folhas de um jornal quinzenal. A compreensão da importância histórica do jornal *Correio Olegarense* se faz necessária, pois a partir dela podem ser pensadas políticas públicas de conservação dos arquivos municipais, dado que, a partir desta pesquisa, procurar-se-á mostrar que no fundo dos arquivos podem existir documentos esquecidos no tempo, mas nem por isso menos úteis ao ofício do historiador.

Além disso, esses documentos, se interpretados pela ótica do historiador, podem nos mostrar de que forma o jornal *Correio Olegarense* atuava como um espaço social, ou seja, como uma instância de divulgação das ideias, quiçá, dos discursos, da comunidade local a respeito dos problemas e situações inerentes às suas situações de convívio. Não obstante, poder-se-á entender a relação entre o periódico e a “Festa da Produção”, observando de que forma ambos atuavam como *formas de sociabilidade* em Presidente Olegário. Essas formas podem ser compreendidas como *lôcus* de contato entre os residentes de uma determinada localidade.

Assim, as formas de sociabilidade procuram atuar como forças agregadoras das pessoas em seus cotidianos, incluindo, por sua vez, os discursos dessas pessoas e suas concepções. Com isso, procura-se que aconteça a emergência de práticas homogeneizadoras (formação de uma imagem local) que, nesse caso, devem ser procuradas em espaços/momentos variados, como se verá *a posteriori*.

É essa a perspectiva que norteia esta pesquisa, desde sua concepção como projeto no XVII Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) do UNIPAM (2016), sob orientação do Prof. Me. Roberto Carlos dos Santos, que foi quem sugeriu a temática, passando por sua execução e conclusão. Este artigo também foi utilizado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) no curso de Licenciatura em História pelo UNIPAM (2014-2016).

## 2. Metodologia

Esta pesquisa histórica sobre o jornal quinzenal *Correio Olegarense* tem por aportes teórico-metodológicos diversas obras de referência sobre o tema, as quais já estão referenciadas na bibliografia deste artigo.

Como esta pesquisa tem por base a análise de alguns números do jornal *Correio Olegarense*, para a seleção dos números do jornal utilizados neste trabalho, foram adotados alguns critérios, tais como a relevância para os objetivos da pesquisa e a condição de preservação do exemplar e sua disponibilidade para pesquisa.

Os números selecionados pertencem aos acervos da Biblioteca Pública Municipal Pio XII de Presidente Olegário e ao Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão de História (LEPEH), do Curso de História do Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM).

Considerando que “o diferencial da pesquisa se dá por meio do olhar que o pesquisador estabelece sobre as fontes a partir do referencial adotado para análise” (BRANDÃO, 2007, p. 9), adotou-se, nesta pesquisa, uma perspectiva não anacrônica, sem voluntarismos ou outros erros de enfoque que poderiam vir a comprometer a cientificidade da pesquisa histórica.

Em suma, a metodologia perpassa toda a execução deste trabalho, tanto auxiliando-nos em nossas dúvidas, quanto lembrando-nos de outros questionamentos, como os de Certeau (1982, p. 65): “o que fabrica o historiador quando ‘faz história’? Para quem trabalha? Que produz?”.

## 3. Fontes históricas: uma discussão teórica

O ofício do historiador é construído por meio de uma relação com documentos, sejam eles fotos, jornais, revistas, que mediam o contato do pesquisador com uma determinada realidade histórica. Chamamos esses documentos de “fontes históricas”, que tornam possíveis as análises a respeito de uma determinada conjuntura.

Esses documentos “[...] não surgem, aqui ou ali, por efeito [de não se sabe] qual misterioso decreto dos deuses” (BLOCH, 2001, p. 83). São frutos, portanto, de uma cons-

trução humana, fixada em um determinado tempo e espaço.

As fontes, desse modo, são os vestígios, os indícios deixados pelo homem que permitem a reconstrução da existência humana. Ao historiador, as fontes lançam o enigma esfíngico: “decifra-me ou devoro-te”. Urge decifrá-lo. Nesse sentido, os documentos históricos precisam ser problematizados, trabalhados. Não são fontes “neutras” que independem de reflexão tal como colocavam alguns historiadores da Escola Metódica Francesa e do Historicismo Alemão para os quais os documentos fidedignos eram os da política do Estado, institucionalizada.

O historiador Le Goff (1996, p. 548), no capítulo “Documento/ Monumento”, do livro *História e Memória*, coloca que, “no limite, não existe um documento verdade. Todo documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo”.

O historiador não pode, portanto, ver o documento como “portador da verdade”. Com isso, devemos compreender os documentos em relação ao seu contexto histórico, conforme coloca André Paulo Castanha no artigo “As fontes e a problemática da pesquisa em história da educação”, ao afirmar a necessidade de “[...] problematizá-las, discuti-las, levando em consideração o contexto em que foram produzidas, para quem se destinam e com quais objetivos foram produzidas” (CASTANHA, 2007, p. 8).

Ou seja, a fonte deve sempre ser entendida como inserida em uma determinada época e espaço, e por isso mesmo limitada, seja em sua morfologia ou em seu conteúdo, à realidade na qual foi produzida.

#### **4. O jornal como fonte histórica: breves concepções teórico-metodológicas**

O jornal tem “seu papel na construção dos imaginários e memórias sobre a história” (AGUIAR; KRENISKI, 2011, p. 1). Nesse sentido, é preciso ter cautela no trato com essa tipologia documental quando formos incorporá-la às nossas pesquisas.

De Luca (2005, p. 123) observa em seu artigo “História dos, nos e por meio dos periódicos”, disponível no livro *Fontes históricas*, a importância do jornal para a compreensão da dinâmica da cidade em relação “[...] aos diferentes estilos e padrões de vida que comportava, a diversidade de expectativas, posturas e nuances dos vários grupos sociais diante da modernidade[...]”.

Nesse sentido, o jornal atua como “um potencializador e guardador de memórias locais ou mesmo nacionais” (BEZERRILL, 2011, p. 3), sendo uma importante fonte, já que, por meio dele, podemos entender algumas questões colocadas em discussão ou silenciadas em uma determinada localidade. Além disso, a imprensa se torna, de modo bastante especial, essencial para a compreensão da imagem que uma cidade tem sobre si mesma e de que modo ela procurava eternizar essa imagem.

Essa eternização acontece a partir da criação de uma “identidade” homogeneizadora que criava na “*urbs* que almeja se ver moderna” uma série de símbolos identificáveis ao observador externo. Esses símbolos são facilmente reconhecíveis pelos seus moradores e são, em sua maioria, identificados com o principal produto ou setor de serviços da cidade, como “a produção agropecuária”.

Mas é preciso cuidado, como indica Rivas (2012, p. 8, tradução nossa), acerca da inexistência de neutralidade no documento:

[...] os textos não são neutros nem ingênuos e tão pouco dão conta de verdades absolutas; no máximo entregam interpretações dos fatos, os quais, por sua vez são tratados e hierarquizados de acordo com concepções e motivos muito particulares e subjetivos.

Conforme lembra De Luca (2005, p. 139), a “imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público”. Ou seja, ela, a partir de uma determinada perspectiva, enaltece e olvida alguns acontecimentos. Desse modo, o historiador não pode ficar apenas com o que está na “superfície”, ele precisa ir às “profundezas do documento”, buscando entender os discursos subentendidos, os que não chegaram até nós. Portanto, o jornal é permeado também por ausências que podem significar tanto quanto as presenças. É preciso questioná-lo sobre seus objetivos, argui-lo sobre seus propósitos.

Rivas (2012, p. 3, tradução nossa) observa que “[...] devemos estar atentos aos deslizos, aos erros que estão contidos nestes textos, às hierarquizações, às classificações [...], no sentido de medir e ponderar adequadamente a informação que se está extraindo”. Ou seja, o historiador necessita ter consciência sobre o fato de que os jornais estão condicionados espacial e temporalmente e deve, por isso, valer-se de uma perspectiva que sempre analise e estude os periódicos criticamente.

## **5. História local: aspectos teóricos**

Refletir sobre a importância da história local na construção da memória é essencial. Define-se como história local a pesquisa feita diretamente em uma região específica, sendo que tem por objetivo estudar especificamente suas relações sociais (BARROS, 2004, p. 152-153). Ao estudar/pesquisar história local, possibilita-se a formação de uma consciência histórica a partir do surgimento de vínculos de “pertencimento” ao que se estuda, seja o objeto uma casa, uma igreja, uma escola ou um jornal.

Nesse sentido, os estudos em história local geram uma conscientização da sociedade civil (NOGUEIRA, 2014) em relação às políticas de preservação de patrimônios históricos, já que a comunidade, ao estabelecer relações de “proximidade” com os patrimônios de sua cidade, sejam eles materiais ou não, começa a perceber a importância de zelar por eles e de ter uma política de preservação patrimonial histórica.

A história local, atua no “resgate da autoestima do povo de sua região, quando, ao desnudar seu passado histórico, dá um novo sentido à questão de pertencimento local” (PEREIRA, 2011, p. 7). Ou seja, colaborando para a construção do sentimento de “pertença” a uma comunidade, a história local ajuda na preservação patrimonial daquela mesma localidade.

## **6. Presidente Olegário: uma história**

A história de Presidente Olegário começa em uma fazenda chamada “Brejo Alegre”, que tinha por proprietários Joaquim Afonso de Sá e sua mulher Inácia Maria Rodrigues (MELLO, 1985, p. 76). Essa fazenda começou a servir de “pouso” para tropei-

ros que iam às minas de Paracatu (MELLO, 1985, p. 76). O casal, “sentindo a importância do local para os viajantes” (MELLO, 1985, p. 79), resolve doar parte da propriedade para a construção de uma capela consagrada à Santa Rita dos Impossíveis, o que acontece em 10 de outubro de 1851.

**IMAGEM 1:** Primitiva Igreja Matriz



**Fonte:** Disponível em: <<http://po.mg.gov.br/wp-content/uploads/2013/05/historia.jpg>>. Acesso em: 21 maio 2016.

À época, o local que era subordinado à Freguesia de Santana de Alegre (atual João Pinheiro) passa a ser denominado Santa Rita da Boa Sorte por vontade dos doadores, conforme observa Mello (1985, p. 79). Essa denominação permanece até 1867, quando o povoado é elevado à Distrito de Paracatu com topônimo de Santa Rita, a partir da Lei nº 1444 (MELLO, 1985, p. 79).

Em 1880, o Distrito é desmembrado do Termo de Paracatu e, como observa Mello (1985, p. 79), é incorporado ao de Santo de Antônio dos Patos, quando passa a se chamar Santa Rita de Patos. Em 17 de dezembro de 1938, conforme coloca Mello (1985, p. 81), o local tem o nome alterado mais uma vez quando, a partir do Decreto-Lei nº 148, recebeu a toponímia atual (Presidente Olegário), em homenagem ao chefe político da região Olegário Maciel, que faleceu em 1933, sendo o município instalado em 01/01/1939.

Em 1980, o município Presidente Olegário contava com, aproximadamente, 24.515 habitantes no total (IBGE, 1981, p. 91).

## **7. Festa da Produção: o contexto das primeiras edições (1983-1984)**

A Festa da Produção (1983) surge em um contexto histórico no qual o município de Presidente Olegário se encontrava carente de divulgação no cenário regional, e a

festa deveria ser uma “comemoração cívica”, conforme coloca Mello (1985, p. 114), visando mostrar o município aos poderes estaduais e divulgar a produção agropecuária local, enfatizando suas possibilidades:

a Festa veio para despertar Presidente Olegário e para mostrar o que se produz neste Município, a fim de não se confundir com outros da própria região. Na verdade, os produtos [...] de Presidente Olegário estão à frente dos de outros municípios [...] (MELLO, 1985, p. 114).

Entende-se, a partir desse trecho, a necessidade de firmar Presidente Olegário como um “grande celeiro”, divulgando sua produção e não a deixando atrás de outras cidades que porventura, ainda que com menor produtividade, destacassem-se mais.

É reveladora, nesse sentido, a entrevista do prefeito, à época Natal José Fernandes. Nela, o prefeito, coloca que “ninguém tem notícia a respeito de nossa grande potencialidade no setor agropecuário” (CORREIO OLEGARENSE. Presidente Olegário: ano I, nº 1, 15 jul. 1983, p. 6), fazendo com que até “boa parcela de olegarenses [...] não acredita (*sic*) em Presidente Olegário” (*idem*, p. 7). Ou seja, entre os objetivos da 1ª Festa entende-se a necessidade de fortalecer uma imagem positiva para o olegarense de sua própria cidade.

O historiador Mello (1985, p. 116) observa que a Festa “[...] é, em síntese, o retrato falado da transformação que houve no meio rural de Presidente Olegário, principalmente nas grandes áreas do cerrado”. A primeira Festa, realizada em 1983, foi idealizada por diversas autoridades e pela comunidade olegarense, sobretudo pelo prefeito à época, Natal José Fernandes, e o presidente do Sindicato Rural de então, Lázaro Xavier Marra, conforme destaca Mello (1985, p. 114).

Houve eleição de Rainha da Festa, pelo sistema de voto popular, em escrutínio secreto, e entre as senhoras candidatas Berenice de Almeida, Márcia de Sousa Vale e Nádia Aparecida Tolentino. A vencedora foi a primeira (MELLO, 1985, p. 114). É instigante ver como o *Correio* expõe a 1ª Festa da Produção (1983), ajudando em sua divulgação, que se faria tanto por meio do jornal, quanto pela própria Festa.

O periódico, já em seu primeiro número (datado de 15/07/1983), repercutiu o surgimento da Festa da Produção a partir de um texto, na primeira página, com o título de “1ª Festa da Produção: *A Hora de Mostrar Nosso Valor*” (grifo do autor):

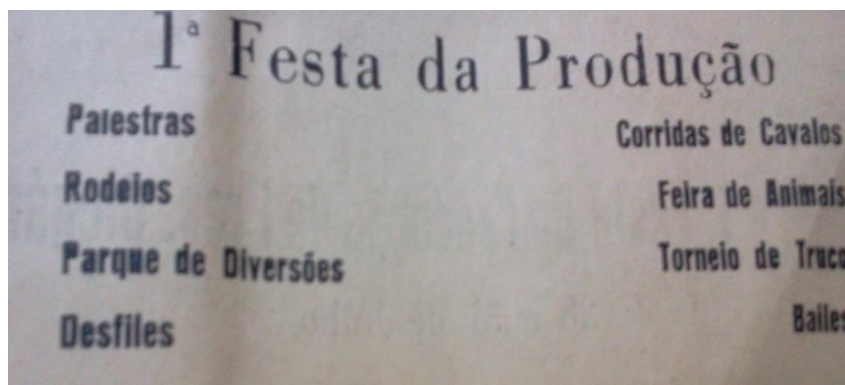
Começará dia 28 e se estenderá até o dia 31 de julho a 1ª FESTA DA PRODUÇÃO em nosso município. Sem dúvida alguma um evento que irá projetar nosso município no cenário agropecuário do Estado de Minas Gerais [...] (CORREIO OLEGARENSE. Presidente Olegário: ano I, nº 1, 15 jul. 1983, p. 1).

Mais à frente, no mesmo texto, o jornal destaca a intensa mobilização da comunidade olegarense e a consciência da mesma população para a importância da Festa, visto que ela irá “engrandecer ainda mais essa mostra comparecendo todos os quatro

dias no campo de aviação onde se dará o grande acontecimento” (CORREIO OLEGARENSE. Presidente Olegário: ano I, nº 1, 15 jul. 1983, p.1).

É interessante notar que a Festa da Produção, conforme programa divulgado à página 2 do primeiro número do *Correio*, era composta por atividades variadas, indo desde bandas de música, palestras sobre produtos do dia, a peça teatral para crianças, como se vê no anúncio:

**IMAGEM 2:** CORREIO OLEGARENSE. Presidente Olegário: ano I, nº 1, 15 jul. 1983, p. 2



No ano de 1984, a realização da II Festa da Produção contou com mais entusiasmo, sendo marcada pelo movimento de aquisição de meios objetivando construir o Parque de Exposições, além de ter havido a presença de carros alegóricos que aludiam à história local, conforme destaca Mello (1985, p. 115).

O periódico continua a colocar a Festa em relevo ao longo de suas páginas, seja divulgando a programação da II Festa, como na página 2, ou a relação de candidatas à “Rainha da Festa”, na página 4, do nº 23 (30/07/84), seja chamando a atenção para a importância do evento para a divulgação local: “Vem aí, a nossa Festa Maior [...]. Vamos mostrar o que somos em Produção Agrícola e Pecuária” (CORREIO OLEGARENSE. Presidente Olegário: ano I, nº 23, 30 jul. 1984, p. 1).

Pode-se observar, nesse sentido, a importância da Festa da Produção para a divulgação do município de Presidente Olegário e ter uma noção do papel do periódico “Correio Olegarense” na divulgação da Festa e, logo, da cidade.

## **8. Um periódico “em defesa da coletividade”: O *Correio Olegarense* (1983-1984)**

A história da imprensa em Presidente Olegário começa em 1940, com a fundação do quinzenário *Presidente Olegário*, pelo prefeito Sebastião de Brito, tendo por objetivo ser “o órgão oficial dos poderes do Município”. Mas este teve vida curta, sendo extinto em 1944 (MELLO, 1985, p. 111). A cidade fica, então, em um interregno de quase quarenta anos sem um jornal até que, em 1983, surge o quinzenal *Correio Olegarense*, editado pela Sra. Léa Hoffay e impresso em Patos de Minas (*idem*), conforme mostra o Expediente do jornal:

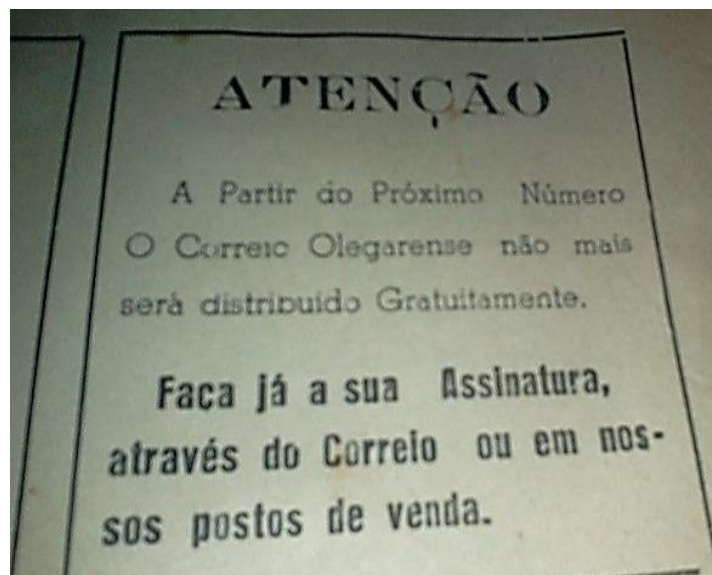


IMAGEM 3: CORREIO OLEGARENSE. Presidente Olegário: ano I, nº 05, 15 set. 1983, p. 2



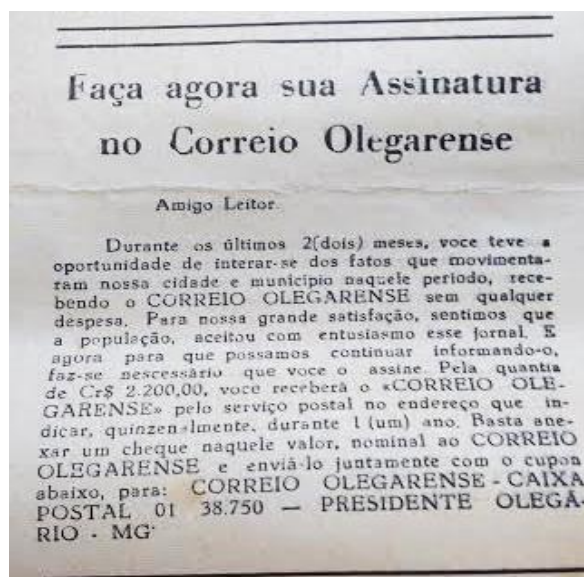
O jornal, em seus primeiros números, era distribuído gratuitamente em algumas localidades como Presidente Olegário, Lagoa Grande, Galena e Lagamar (conforme consta no primeiro número do jornal, p. 8). A partir do seu sexto número, o *Correio* deixaria de ser distribuído gratuitamente, devendo o leitor fazer a sua assinatura, conforme colocado em aviso:

IMAGEM 4: CORREIO OLEGARENSE. Presidente Olegário: ano I, nº 05, 15 set. 1983, p. 1



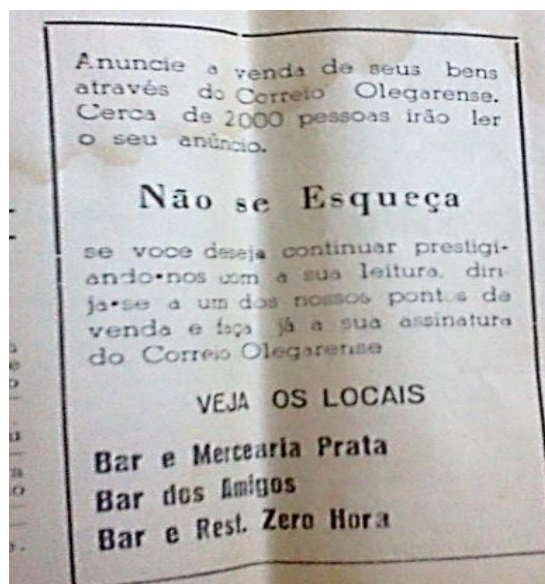
No próprio quinto número do periódico tem-se as instruções de como proceder para se tornar assinante, com a relação do valor a ser dispendido (Cr\$ 2.200,00), da periodicidade (quinzenal) e da duração da assinatura (um ano), conforme anúncio a seguir.

IMAGEM 5: CORREIO OLEGARENSE. Presidente Olegário: ano I, nº 05, 15 set. 1983, p. 2



É interessante notar como o próprio jornal começa a tratar a questão da publicidade, chamando a atenção dos leitores (que porventura queiram ter seus reclames publicados) para a quantidade de pessoas que o jornal atinge, além de reafirmar a necessidade de que o leitor faça uma assinatura para o que o jornal se mantenha.

IMAGEM 6: CORREIO OLEGARENSE. Presidente Olegário: ano I, nº 05, 15 set. 1983, p. 3



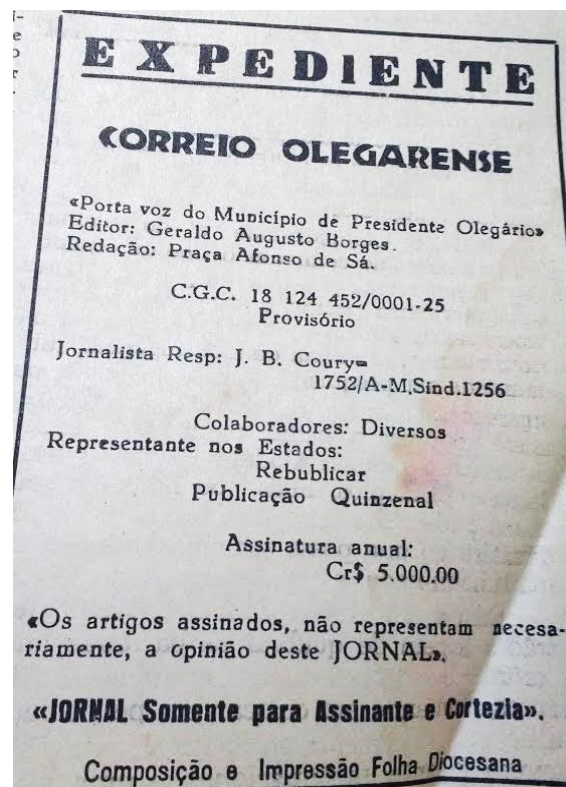
Em um curto espaço de tempo, o jornal *Correio Olegarense* já atingia uma quantidade considerável de pessoas, tendo em vista sua tiragem já no quinto número (800 exemplares). Conforme visto anteriormente, essa era uma possibilidade comercial, já

que o periódico poderia atuar divulgando, além de críticas, informes comerciais, tendo, assim, possibilidades de se manter em funcionamento com alguma independência em relação ao poder político local.

O jornal possuía uma tiragem de aproximadamente 800 exemplares até a sua 21ª edição, em 30 de maio de 1984, quando passou para cerca de 1000 exemplares, sendo impressos e distribuídos aos assinantes. Já em seu número 20 (p. 1), de 15 de maio de 1984, o *Correio* anunciava que estava “circulando sob nova direção”, visto que “os fundadores do jornal transferiram residência de Presidente Olegário e se viram na contingência de fechar o jornal” (MELLO, 1985, p. 111).

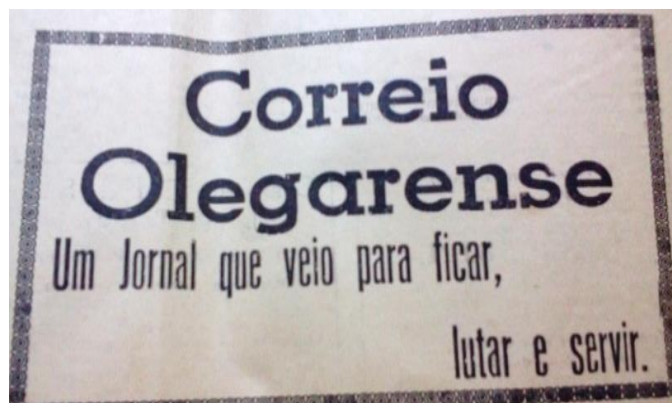
Foi então que o prefeito da época, Natal José Fernandes, percebendo a importância e a utilidade do jornal, arcou com as consequências, fazendo do jornal, por ocasião da II Festa da Produção, o órgão porta-voz do Município (em seu número 21), com periodicidade mensal (MELLO, 1985, p. 111), já com novo Expediente:

IMAGEM 7: CORREIO OLEGARENSE. Presidente Olegário: ano I, nº 21, 30 maio 1984, p. 3



Pela análise das fontes, não se conseguiram mais informações quanto ao fim do jornal *Correio Olegarense*, mas no recorte temporal estabelecido para esta pesquisa (1983-1984), algumas questões já podem ser levantadas e, ainda sem conclusão, considerações (que serão mais bem desenvolvidas no curso deste artigo) começam a ser esboçadas, sempre tendo em vista a problematização desse periódico olegarense que, segundo sua própria definição, “veio para ficar, lutar e servir”:

IMAGEM 8: CORREIO OLEGARENSE. Presidente Olegário: ano 1, nº 20, 15 maio 1984, p. 2



### 9. Problematicando o *Correio*: intenções, discursos e atuações

Pelo exposto anteriormente, já é possível perceber a nítida intenção do jornal em configurar-se como órgão atuante em defesa de uma “coletividade”, nesse caso, a olegarense, mais especificamente uma “coletividade rural” (como se verá à frente), atacando quaisquer coisas que porventura viessem a ir de encontro *ao progresso e à paz local*, em Presidente Olegário.

Isso não é fortuito. A “pequena obra para o benefício de toda a coletividade olegarense” (CORREIO OLEGARENSE. Presidente Olegário: ano I, nº 1, 15 jul. 1983, p. 1), como se via no jornal, tinha o claro papel de divulgar o município (suas festas, etc.), aumentando sua participação no cenário regional do Noroeste de Minas e do Alto Paranaíba, ajudando Presidente Olegário a “despertar de um longo sono” (*idem*, p. 1).

E essa divulgação, percebe-se, tem uma intenção: contribuía para a formação de certa “imagem local”, que parte justamente da produção agropecuária (a qual simbolizaria o próprio município), identificada provavelmente com a “modernidade” que traz o progresso (máquinas etc.) e, ambigualmente, com a “tradição” do homem do campo.

A importância atribuída à produção agropecuária se deve ao fato de que, como setor de serviços mais importante da cidade, a agropecuária de certa forma, e sob o ponto de vista do jornal, “sintetizaria” Presidente Olegário, sendo o interesse do município inseparável do interesse do “homem rural” e de toda uma “coletividade” à sua volta. Isso fica mais claro no primeiro número do jornal que, em 15 de julho de 1983, expunha suas diretrizes em Editorial:

[...] atingir nosso meio rural será um dos principais objetivos do CORREIO OLEGARENSE. [...] Defenderemos os interesses da coletividade e atacaremos sugestões e princípios que possam vir a afetar nosso progresso e nossa paz [...] (CORREIO OLEGARENSE. Presidente Olegário: ano I, nº 1, 15 jul. 1983, p. 1).

Ou seja, percebe-se nitidamente a estreita conexão entre o *Correio* e a divulgação do município, por meio de seus números, tornando-se clara a importância do jornal

para a compreensão do contexto no qual surge a “1ª Festa da Produção” (1983).

Esse período, marcado pela intensa mobilização do Poder Municipal olegarense em fazer a divulgação da cidade, contava com uma série de discursos acerca da importância da agropecuária, do homem rural, da divulgação da cidade, conforme destacamos ao longo das últimas páginas, visando sempre projetar “[...] nosso município no cenário agropecuário do Estado de Minas Gerais [...]” (CORREIO OLEGARENSE. Presidente Olegário: ano I, nº 1, 15 jul. 1983, p. 1).

Entendendo-se a Festa como um “espaço de sociabilidades”, já que como fenômeno social ela “rompe com a rotina, conecta-se ao cotidiano pregresso e posterior a ele quando se espraia por diversos meios através dos períodos não festivos” (LEONEL, 2010, p. 4), é possível visualizar a sua importância como “agente divulgadora” das ideias (e o *Correio* também atua como divulgador dessas ideias) acerca da agropecuária olegarense como um “denominador comum” local.

A Festa da Produção, divulgada pelo *Correio Olegarense* em seus primeiros números, pode, então, ser entendida de fato como “um fenômeno gerador de imagens multiformes da vida coletiva” (*idem*, p. 5), constituindo-se em um “campo fecundo para se pensar a sociedade nas suas continuidades, como, também, em seus movimentos de transição, de vaivém, marcados por rupturas” (*idem*, p. 7). Posto isso, é possível agora discutir duas críticas veiculadas pelo periódico, visto que o jornalismo regional, fomentando as pessoas a se “socializarem”, coloca-as a formarem e discutirem opiniões, conforme notam Assis e Rangel (2006, p. 11).

Em seu quinto número, em matéria de capa, o jornal publica texto (cuja autoria provavelmente seja da editora do jornal) intitulado “Cadeia de Pres. Olegário: Desumana e Cruel”, no qual denuncia as precárias condições do prédio:

Funcionando num prédio que não oferece o mínimo em segurança, higiene (*sic*), e limpeza, tanto para os detentos quanto para o próprio policiamento, a cadeia de Presidente Olegário talvez se encontra hoje entre as piores do Estado e porque não dizer do Brasil” (CORREIO OLEGARENSE. Presidente Olegário: ano I, nº 5, 15 set. 1983, p. 1).

Tendo sido autorizado pelo próprio juiz da Comarca, Sr. Carlos Borges, a ir *in loco* constatar os fatos, o *Correio* pôde enumerar, então, diversas situações degradantes, tais como instalações elétricas a descoberto, com risco constante de curtos-circuitos e incêndios; o teto que, de madeira pobre, pode servir de esconderijo aos aracnídeos e barbeiros, sendo um convite à fuga; a falta de muros no prédio etc. (*idem*).

O jornal termina a matéria colocando que, mesmo sendo o prédio destinado a pessoas marginalizadas, isso não significa que dispensa ser visto com bons olhos pelas autoridades, visto que quem lá cumpre pena ou espera julgamento são seres humanos e como tal devem ser tratados (*idem*).

No número dezesseis, na página quatro, de 29 de fevereiro de 1984, é publicada a entrevista com o novo delegado de Polícia da Comarca, o Sr. José Paulino da Silva Filho, que, em resposta à indagação do jornal quanto à situação precária da cadeia e uma possível interdição da mesma, afirmou que esse assunto era da competência do



Poder Judiciário. Uma resposta lacônica.

Mas a entrevista do delegado é interessante, pois a partir dela podem-se vislumbrar questões que até hoje são discutidas em Presidente Olegário, como a condução de veículos por menores de idade e os jogos de baralho em bares da cidade que, segundo o delegado, se não concorressem para o aprimoramento físico e mental dos participantes, deveriam ser repudiados pela própria comunidade.

Questão atual na cidade hoje que era posta em discussão nos anos 1980 era a do transporte universitário. Na primeira página do nº 19, em abril de 1984, do jornal, era publicada matéria intitulada “*Universitários clamam por transporte gratuito*” (grifo do autor), na qual o jornal chamava a atenção para os cerca de trinta “heróis anônimos” que solicitavam que a Prefeitura arcasse com as despesas de transporte até a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Patos de Minas, afirmando que, do contrário, mais da metade dos estudantes abandonariam seus cursos até o final do ano, desistindo do sonho de um diploma de nível superior.

Assim, o jornal *Correio Olegarense* visivelmente atuava em dois níveis: o primeiro, *divulgando valores*, defendendo ideias que julgava inerentes à comunidade olegarense, propondo a difusão da imagem de Presidente Olegário como “grande produtora agropecuária” e, conforme apontam as evidências das fontes pesquisadas, repercutindo, de certa forma, as intenções de divulgação local que engendraram a “Festa da Produção”. O segundo, *publicando críticas*, conforme exposto anteriormente, expondo problemas e gerando discussões, sendo assim, um “espaço social” com o qual a cidade se comunicava.

## **10. Considerações finais**

Buscou-se, com esta pesquisa, entender a importância histórica do jornal *Correio Olegarense* para a cidade de Presidente Olegário (MG), em um recorte temporal que vai dos anos 1983-1984. Além disso, a partir dos números do jornal, procurou-se compreender de que forma o periódico atuava visando lutar por uma maior projeção de Presidente Olegário no cenário do Alto Paranaíba e do Noroeste de Minas Gerais.

Em face disso, pôde-se analisar o entrelaçamento do *Correio*, nos números analisados, e da “Festa da Produção”, refletindo em qual medida suas intenções eram as mesmas e de que modo ambos se complementavam. Percebeu-se, então, que ambos vieram à tona no mesmo ano (1983) e, em seus bojos, os dois intencionavam mostrar o município aos poderes estaduais e divulgar a produção agropecuária local, enfatizando suas possibilidades.

Complementavam-se quando o *Correio*, ao divulgar a primeira edição da Festa, repercutia de certa forma, as intenções/discursos que geraram o evento, ao colocar que projetar o município no cenário agropecuário do Estado de Minas Gerais era o principal objetivo da mesma. Em certo sentido, o *Correio* e a “Festa” configuravam-se como *espaços de sociabilidades*, já que eram locais nos quais os *discursos* acerca da importância da agropecuária para Presidente Olegário eram difundidos pela sociedade olegarense. Esses discursos eram, em sua maioria, voltados para o “homem rural”, que encarnaria os valores da comunidade olegarense, visto que a cidade era vista sob a perspectiva do

“campo”, sendo aquela, pelo tom dos discursos da época, quase um sinônimo deste.

Mormente, constatou-se que o jornal atuava em dois níveis: o primeiro, divulgando valores, defendendo ideias que julgava inerentes à comunidade olegarense; o segundo, publicando críticas, expondo problemas. Nesse segundo nível, o *Correio* combatia situações que, além de negativas em si, como a péssima condição da Cadeia Pública, acabavam por prejudicar a imagem da cidade, que poderia passar a ser vista como “atrasada”, “desumana e cruel”, tal como a própria Cadeia, ao invés de “lugar de modernidade”, progresso.

Ao longo da investigação, portanto, o valor do jornal *Correio Olegarense* para a cidade de Presidente Olegário foi ficando cada vez mais nítido, posto que, em seus números, os discursos acerca da importância da agropecuária, da divulgação do município, eram divulgados. Percebeu-se, com isso, o papel do periódico e seu entrelaçamento de objetivos com a “Festa da Produção”, que surge no mesmo ano que o “Correio” (1983).

À guisa de conclusão, compreende-se que ambos, portanto, configuravam-se como *polos* importantes de *sociabilidade* em Presidente Olegário, unidos em prol da divulgação local e contrários aos que viessem perturbar o progresso e a paz municipal.

## Referências

AGUIAR, Maria do Carmo Pinto; KRENISKI, Gislania Carla P. *O jornal como fonte histórica: a representação e o imaginário sobre o “vagabundo” na imprensa brasileira (1989-1991)*. Disponível em:

<[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300663138\\_ARQUIVO\\_artigovagabundos-1.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300663138_ARQUIVO_artigovagabundos-1.pdf)>. Acesso em: 12 jan. 2016.

ASSIS, Cláudia Maria Arantes; RANGEL, Priscila de Paula Rangel. *A importância do jornalismo regional: tendo como objeto de estudo o jornal Correio Centro-Oeste*. Disponível em:

<<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/91391298153290866477181920760210662912.pdf>>. Acesso em: 27 jun.2016.

BARROS, José D’Assunção. *O campo da história: especialidades e abordagens*. Petrópolis: Vozes, 2004.

BEZERRILL, Simone da Silva. *Imprensa e política: Jornais como fontes e objetos de pesquisa para estudos sobre abolição da escravidão*. Disponível em:

<<http://www.outrostempos.uema.br/anais/pdf/bezerrill.pdf>>. Acesso em: 18 jan.2016.

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRANDÃO, Isabel Cristina de Jesus. *Pesquisa de fontes primárias: algumas reflexões*. Disponível em:

[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer\\_histedbr/jornada/jornada7/\\_GT1%20PDF/PESQUISA%20DE%20FONTES%20PRIM%C1RIAS%20ALGUMAS%20REFLEX%D5ES.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada7/_GT1%20PDF/PESQUISA%20DE%20FONTES%20PRIM%C1RIAS%20ALGUMAS%20REFLEX%D5ES.pdf). Acesso em: 18 jan. 2016.

CASTANHA, André Paulo. *As fontes e a problemática da pesquisa em história da educação*.

Disponível em:

<[www.histedbr.fe.unicamp.br/acer\\_histedbr/jornada/jornada7/\\_GT1%20PDF/AS%20FONTES%20E%20A%20PROBLEMA%20TICA%20DA%20PESQUISA%20EM%20HIST%D3RIA%20DA%20EDUCA%C7%C3O.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada7/_GT1%20PDF/AS%20FONTES%20E%20A%20PROBLEMA%20TICA%20DA%20PESQUISA%20EM%20HIST%D3RIA%20DA%20EDUCA%C7%C3O.pdf)>. Acesso em: 16 jan. 2016.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2ª edição, 1982.

DE LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos, in: PINSKY, Carla Bassanezi. (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

IBGE. *Sinopse preliminar do censo demográfico de 1980*. Rio de Janeiro: IBGE, 1981. Disponível em:

<[http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/310/cd\\_1980\\_v1\\_t1\\_n15\\_mg.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/310/cd_1980_v1_t1_n15_mg.pdf)>. Acesso em: 24 abr. 2016.

LE GOFF, Jacques. Documento/monumento, in: LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996, 541 p.

LEONEL, Guilherme Guimarães. *Festa e sociabilidade: reflexões teóricas e práticas para a pesquisa dos festejos como fenômenos urbanos contemporâneos*. Disponível em:

<<http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernohistoria/article/view/P.2237-8871.2010v11n15p35/2412>>. Acesso em: 26 jun. 2016.

MELLO, Antônio Oliveira. *Presidente Olegário: terra da esperança*. Presidente Olegário: Edição da Prefeitura Municipal de Presidente Olegário, 1985.

NOGUEIRA, Natania. *Construindo um sentimento de pertencimento*. Disponível em: <

<http://historiahoje.com/construindo-um-sentimento-de-pertencimento/>>. Acesso em: 22 jun.2016.

PEREIRA, Aldiceia Machado. *A importância da história local para o ensino de história: um olhar para o município de Duque de Caxias*. Disponível em:

<<https://pinba.files.wordpress.com/2011/12/a-importancia-da-historia-local-para-o-ensino-de-historia-um-olhar-para-o-município-de-duque-de-caxias.pdf>>.

Acesso em: 22 jun.2016.

RIVAS, Fernando. *La prensa escrita como documento histórico: cuidado, prevenciones y*



consideraciones. Disponível em: <[http://www.observatoriodecomunicacion.cl/sitio/wp-content/uploads/2012/08/La-prensa-escrita-como-documento-hist%C3%B3rico\\_-cuidado-prevenciones-y-consideraciones1.pdf](http://www.observatoriodecomunicacion.cl/sitio/wp-content/uploads/2012/08/La-prensa-escrita-como-documento-hist%C3%B3rico_-cuidado-prevenciones-y-consideraciones1.pdf)>. Acesso em: 10 set.2016.

### **Números do jornal**

- CORREIO OLEGARENSE*. Presidente Olegário: ano I, nº 1, 15 jul. 1983.  
\_\_\_\_\_. Presidente Olegário: ano I, nº 5, 15 set. 1983.  
\_\_\_\_\_. Presidente Olegário: ano I, nº 9, 15 nov. 1983.  
\_\_\_\_\_. Presidente Olegário: ano I, nº 10, 30 nov. 1983.  
\_\_\_\_\_. Presidente Olegário: ano I, nº 11, 15 dez. 1983.  
\_\_\_\_\_. Presidente Olegário: ano 1, nº -, 28 dez. 1983. (Edição extra).  
\_\_\_\_\_. Presidente Olegário: ano 1, nº 15, 15 fev. 1984.  
\_\_\_\_\_. Presidente Olegário: ano 1, nº 16, 29 fev. 1984.  
\_\_\_\_\_. Presidente Olegário: ano 1, nº 18, 17 mar. 1984.  
\_\_\_\_\_. Presidente Olegário: ano 1, nº 19, - abril. 1984.  
\_\_\_\_\_. Presidente Olegário: ano 1, nº 20, 15 mai. 1984.  
\_\_\_\_\_. Presidente Olegário: ano I, nº 21, 30 mai. 1984.  
\_\_\_\_\_. Presidente Olegário: ano I, nº 22, 15 jun. 1984.  
\_\_\_\_\_. Presidente Olegário: ano I, nº 23, 30 jun. 1984.  
\_\_\_\_\_. Presidente Olegário: ano 1, nº 24, 29 jul. 1984.